

O Retorno do Disco de Vinil, Preferência de Público Além da Qualidade Sonora¹

Pedro Serico Vaz Filho²

Faculdade Cásper Líbero

Resumo

O presente texto refere-se à pesquisa sobre o retorno do disco de vinil ao mercado fonográfico, na última década, com referências históricas e comparativos entre *long play* e *compact disc*. Havendo atualmente a oferta de lançamentos musicais nos dois formatos (LP e CD), percebe-se a preferência de público pelo disco de vinil, concomitantemente à aquisição de aparelhos de toca-discos. Destaca-se também o acervo em vinil, da rádio Gazeta AM de São Paulo (890 kHz), emissora da Fundação Cásper Líbero, para exemplificar a importância de informações contidas nas capas de discos em detrimento à redução informativa sobre o conteúdo da produção artística musical oferecidas nas capas e encartes de CDs. A apuração foi realizada com referências bibliográficas e em campo, contando com o depoimento do jornalista Márcio de Paula, coordenador da referida discoteca.

Palavras-chave: cultura, vinil, discoteca, rádio, qualidade.

O retorno do disco de vinil ao mercado fonográfico na última década, pode ser mensurado pelo aquecimento na fabricação e comércio de aparelhos de reprodução para esse tipo de mídia. A aceitação do público que, desde os anos de 1990, minimizava espaços em discotecas domésticas, assim como em lojas de discos com os *compact discs*, possibilitou também outro mercado, o de autorádios acoplados para o produto que recebeu a abreviação de CD. Gravadoras e artistas também viram a possibilidade de atualização ao figurarem na vanguarda. Emissoras de rádios adaptaram-se aos programas de armazenamento digital de músicas, recolhendo picapes reproduzidoras de vinil. As capas das produções musicais receberam adaptações para os CDs, nas letras e fotos visto o reduzido tamanho do produto que pode incluir-se nas bancas de jornal e outras formas de venda, ocupando estantes compactas e de fácil portabilidade.

¹ Trabalho apresentado ao GP Rádio e Mídia Sonora no XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, intitulado “O Retorno do Disco de Vinil, Preferência de Público Além da Qualidade Sonora”.

² Pedro Serico Vaz Filho, sócio da Intercom, membro participante do grupo de pesquisa Rádio e Mídia Sonora, jornalista, Mestre em Comunicação pela faculdade Cásper Líbero, doutorando pela Universidade Metodista de São Paulo, gerente da rádio Gazeta AM e professor da disciplina Rádios e TVs Educativas e Comunitárias na faculdade Cásper Líbero, e-mail: pedrovaz@uol.com.br.

Muitos destes produtos musicais passaram a ser apresentados em formatos de encadernação, do tipo livretos de bolso. A criatividade aflorou diante do então moderno *compact disc*. O vinil, em pouco tempo, passou a ser visto como peça de museu e de colecionadores que valorizavam a chamada “bolacha preta” que, em capas, contracapas e encartes trazia, além do sumário dos títulos das músicas e letras destas, em tamanho legível, ilustrações em fotos ou em desenhos e outros aspectos artísticos e literários.

Para seguir a mesma abordagem de apresentação, os CDs tiveram de contar com a estratégia de aproveitamento de ângulos ou simplesmente oferecidos em formatos de envelope. Em entrevista para esta pesquisa, o coordenador da discoteca da rádio Gazeta AM de São Paulo afirma:

Claro que o vinil é bem mais enriquecedor no quesito informação sobre o disco físico, intérprete, compositor, gênero, gravadora, ficha técnica, música, etc. O cd traz somente o básico (artista, música, compositor). Raramente se tem informações sobre o artista e sua obra. As capas dos cds, não acrescentam informações. Estas visam a foto.³

Quem descartou o vinil destinou peças para colecionadores, pesquisadores ou ainda em vendas a baixos valores, em feiras e sebos. Salvo as chamadas raridades. Contudo, a história do vinil revela a aceitação deste em detrimento às vantagens de espaço e de qualidade sonora que oferece o CD. No artigo publicado pela jornalista Luciane Evans, no informativo digital EM.com.br, a preferência do público pelo vinil vem superando as vendas do CD, não somente no Brasil:

Em plena era da música digital, hoje, com a facilidade de fazer download das obras de vários artistas até mesmo gratuitamente, o vinil virou o jogo e, agora, é visto até mesmo como um bom negócio. [...]. Os bons ventos impulsionaram, também, o comércio dos toca-discos, que, em alguns locais, já cresceu 90% no último ano. [...]. Para os aficionados, um LP internacional pode custar a bagatela de R\$ 3mil. Com a volta desse antigo mercado, quem passou, na década de 90, a vender somente os CDs decidiu dividir as prateleiras para reforçar o lucro. [...]. A reviravolta foi observada em outros países. Estimativas internacionais dão conta de que as vendas do vinil têm crescido no mundo, enquanto o comércio de CDs despenca a cada ano. Nos Estados Unidos, por exemplo, a venda do bolachão aumentou 40%. No primeiro semestre de 2014, foram comercializados 4 milhões de LPs no país, sendo que, em 2013, no mesmo período, 2,9 milhões de vinis haviam sido comercializados, conforme pesquisa da consultoria Nielsen Soundscan.⁴

³ Entrevista concedida pelo jornalista e coordenador da discoteca da rádio Gazeta AM para esta pesquisa em 10/07/2015.

⁴ Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2015/02/17/internaseconomia,618928/vinil>. 2015. Acesso em 10/06/2015.

Anterior ao *Long Play* e ao disco de 78 rotações por minuto, este produzido em matéria à base de goma laca, o formato de reprodução musical era em cilindro, como descreve Piccino:

A tradução da vibração das ondas sonoras antecede o início da fabricação dos suportes sonoros no começo do século XVIII, quando o inglês Thomas Young desenvolveu o aparelho que leva seu nome e traduz graficamente as vibrações diretamente do corpo vibrante. Em 1857 Edward Léon Scott de Martinville constrói o Fonautógrafo, que traduz os sons das partículas vibrando no ar. Baseado na orelha humana, o aparelho é composto de um pavilhão por onde o som entra e um diafragma com uma agulha acoplada que grava o gráfico em um cilindro. Em 1877, o francês Charles Cross patenteia e batiza o fonógrafo que, lendo o cilindro ao contrário, e reproduz o som gravado. No entanto, quem de fato construiu o aparelho no mesmo ano foi Thomas Alva Edison. O aparelho por ele desenvolvido fica mais conhecido com o nome de *tin-foil* e possui um cilindro com base de estanho fixo. Alguns fatores retardam a sua exploração comercial, como a prioridade profissional de Edison para a lâmpada elétrica e sua relutância na utilização como entretenimento (PICCINO, n. 02, p. 02, 2008 v. 01).

O disco de vinil, de matéria plástica, surge no final da década de 1940 e se popularizou em formato chamado de *Long Play* (LP), chegando a ter normalmente doze faixas musicais, seis de cada lado. Normalmente lado “A” e lado “B”. Em compacto simples, duas músicas, uma de cada lado ou, em alguns casos, a mesma música em ambos os lados. Em compacto duplo, com quatro faixas, duas em cada face do disco, entre outros formatos, que figuram da tradicional cor preta. Algumas gravadoras registraram, em determinadas promoções e lançamentos de discos em outras cores, impressos em papelão. Ribeiro e Pasinato destacam que:

Há controvérsias sobre qual teria sido o primeiro LP da história. Os alemães têm sua versão, falsa, de que o vinil surgiu há 62 anos, no dia 31 de agosto de 1951. Na época, era chamado de long-play (LP) e teria sido produzido pela gravadora alemã Deutsche Grammophon, fundada em 1898 e ainda hoje em atividade, sendo a mais antiga do mundo. Porém, a versão correta é a de que a Columbia Records não apenas desenvolveu como lançou o LP que girava a 33 1/3 rotações por minuto (rpm) e era capaz de armazenar até 30 minutos de áudio de cada lado. O primeiro LP foi *The Voice of Frank Sinatra*, de 1948. O que é indiscutível é que a tecnologia do disco de vinil surgiu no final da década de 1940. O vinil é um tipo de plástico, usualmente na cor preta, que pode ser reproduzido através de um toca-discos. O disco possui um longo sulco em forma de espiral que conduz a agulha do toca-discos da borda externa em direção ao centro, em sentido horário. Estes sulcos são microscópicos e fazem a agulha vibrar. Essa vibração é transformada em um sinal elétrico que é amplificado e transformado em som audível.⁵

⁵ Disponível em <http://miltonribeiro.sul21.com.br/tag/toca-discos>. Acesso em 10/07/15).

Anteriormente, os discos eram produzidos em rotações diferentes, sendo classificados como de 78 rotações por minuto, mais velozes em circulação no toca disco ou gramofone que o vinil, mas com menos qualidade sonora e mais “chiado”, embora o vinil mantivesse essa sonoridade chiada em menor escala. Fato que vai desaparecer com a qualidade do *compact disc*, o CD. Os discos de 78 rotações eram também mais pesados e facilmente quebráveis, ao contrário do vinil, mais leve, com menos risco de quebra. Kafure e Sarabuci (2009, 141) destacam que: “em meados dos anos 60, os discos de 78 Rpm definitivamente deixaram de ser fabricados, dando lugar aos populares LPs (*Long Play*), que tinham doze polegadas de diâmetro e gravavam aproximadamente dezoito minutos em cada lado”. A delicadeza do vinil exigia cuidado do usuário, uma vez que em reprodução no toca discos com braço para reprodução via agulha é necessária habilidade para que o disco não fosse arranhado, fato que ocorrido, comprometia a execução da faixa musical, com falhas que podiam tornar repetidas frações musicais ou outros problemas de execução. O toque direto com os dedos também seria prejudicial. Assim, a limpeza tanto da agulha, quanto do vinil era fundamental para a boa conservação de ambos.

No então novo mercado de *compact discs*, os porta-cds também passaram a ser oferecidos, principalmente para utilização em automóveis. Neste caso, as capas não foram contempladas. A mídia segue para o porta-cd e a capa fica vazia ou com possibilidade de fácil descarte. Muitas produções musicais foram atualizadas do vinil para o CD ou convertidas. Diferente do ocorrido nos anos de 1970 e de 1980 com o vinil e a fita cassete, que possuíam oferecimentos à escolha do consumidor. No caso da fita cassete, também para os autorádios e redução de espaço e armazenamento, porém como opção ao vinil.

No Brasil, o CD recebe notoriedade, principalmente a partir do início do ano de 1990; antes, porém, essa tecnologia de reprodução musical destaca-se no Japão na década de 1980, conforme artigo publicado na revista Olhar Digital:

dia 1 de outubro de 1982, chegava às lojas no Japão o primeiro reprodutor de compact discs, os famosos CDs. Chamado de CDP-101 em homenagem ao código binário de zeros e uns, o aparelho de 7,6 quilos custava cerca de R\$ 4,3 mil e foi a porta de entrada para uma das maiores revoluções pelas quais a música já passou. O produto era resultado de uma parceria entre Sony e Philips. Em 1979, segundo a EFE, a companhia japonesa e a holandesa resolveram se juntar para criar um tipo de mídia que pudesse levar o formato digital aos lares. Até então, o mercado era dominado pelos long players (LPs) e pelas fitas cassetes. Quando o CDP-101 foi lançado, as lojas também receberam 50 títulos diversos, disponibilizados pelas gravadoras CBS/Sony e Epic/Sony. Dentre eles figuravam Mozart, Beethoven, Simon&Garfunkel, Julio Iglesias e o "52nd Street", de Billy Joel, considerado o

primeiro álbum comercializado em CD. Antes, engenheiros das duas empresas já haviam trabalhado em iniciativas parecidas. O foco da Sony era codificação e leitura; o da Philips era o sistema óptico - que chegou a ser apresentado pela marca em 1975 com o Laservision, um fracasso comercial. Uma vez unidas, encabeçaram a primeira produção em massa de CDs, em uma fábrica de Shizuoka, no Japão. Mas nenhuma das duas esperava que o formato faria tanto sucesso. O que determinou o tamanho do CD foi a fita cassete, que tinha 11,5 centímetros. O problema é que nesse formato só seria possível gravar uma hora de conteúdo, então a Sony decidiu aumentar em cinco milímetros, passando para os atuais 12 centímetros, que suportam 74 minutos (Revista Olhar Digital, 2015)⁶

As transformações nas execuções musicais, sobretudo no século XX, mesmo diante dos recursos técnicos pela melhoria da qualidade sonora na reprodução de discos, mantiveram o vinil e os toca-discos em mãos de colecionadores e em estantes e, mesmo comercialmente, aos interessados, além do saudosismo. Um dos exemplos de conservação de vinil está na cidade de São Paulo, no bairro da Moóca, em três endereços diferentes, (rua da Moóca, 3401, rua do Oratório, 273 e rua dos Trilhos, 1212). Nestes locais o engenheiro civil Manoel Jorge Dias reúne desde o início da década de 2000, um acervo de um milhão de LPs. Esta é considerada como a maior coleção de vinil da América Latina, instalada numa locação intitulada por ele como “Casarão do Vinil”. O local destina-se também para uma biblioteca e antiguidades como obras de arte. O colecionador promove ali feiras de vinil.

As reconstituições históricas do vinil também podem ser observadas num dos mais tradicionais endereços da cidade de São Paulo: a Avenida Paulista, 900. Neste endereço está sediada a Fundação Cásper Libero, mantenedora da Faculdade Cásper Líbero, da TV Gazeta, canal onze, do portal Gazeta esportiva.net e as rádios Gazeta FM (88.1 MHz) e Gazeta AM (890 kHz). Esta última emissora abriga um setor denominado “discoteca da Gazeta” com um significativo acervo de discos (e também de CDs). O referido departamento tem origem em fase anterior à inauguração da rádio Gazeta. No caso, pela existente coleção de discos da Sociedade Rádio Educadora Paulista, oficialmente a segunda emissora de rádio criada no Brasil, instalada na cidade de São Paulo, no ano de 1923. Segundo pesquisa de Barbosa e Vaz (2014, p. 05) em 1943, a Sociedade Rádio Educadora Paulista “foi adquirida pelo empresário Cásper Líbero, que a rebatizou como Gazeta”.

O coordenador da discoteca da rádio Gazeta AM, o jornalista Marcio de Paula, informa que ocupa este cargo desde 1985, e que a coleção de vinil da emissora deve ter aproximadamente 89 anos de existência “Desde a inauguração da rádio Gazeta AM, ou seja, 1943 o jornalista Cásper Libero, já

⁶ Disponível em: <http://olhardigital.uol.com.br/noticia/saiba-como-surgiu-o-cd,-que-completa-30-anos>. Acesso em 15/06/2015.

com a intenção de obter a rádio, também passou a guardar algumas mídias da sua discoteca particular para a emissora”, revela o citado profissional em entrevista para esta pesquisa em 15 de julho de 2015.

Para a divulgação ao público dos conteúdos das estantes da referida discoteca foi criado na emissora um programa exibido às sextas-feiras, das 16 às 17 horas, intitulado “Discoteca Gazeta”. Este pode ser ouvido ao vivo e pelas postagens no site www.gazetaam.com. Nesta produção, o objetivo é divulgar músicas que passaram por todas as mídias existentes no local, ou seja, 78 Rpm; 10 polegadas; 12 polegadas (LP); compactos simples e duplos nacionais e importados e CDs. “É um trabalho de resgate nacional e internacional”, destaca Márcio de Paula (em depoimento para esta pesquisa), que revela que muitas vezes, são realizadas entrevistas com artistas e profissionais da área fonográfica.

O departamento denominado “Discoteca da Gazeta AM”, está vinculado à rádio Gazeta AM e abriga 20 mil discos em 78 rotações, 24.332 mil compactos simples e duplos, 1.560 mil, em 33 rotações, em dez polegadas, 32.900 em doze polegadas, 600 em 78 rotações, em doze polegadas e mais 12 mil *compact discs*. No total de discos originais cadastrados são 91.292 mil discos e 28.708 mídias duplicatas, entre 78 de doze polegadas e de sete polegadas. Na soma geral são 120.000 (cento e vinte mil) unidades. Desses exemplares são inúmeras as raridades em dez polegadas e discos raros e de primeira edição de interpretes nacionais e internacionais como: Angela Maria, Aracy de Almeida, Aracy Cortes, Bob Dylan, Carmen Miranda, Clara Nunes, Dalva de Oliveira, Dorival Caymmi, Elis Regina, Emilinha Borba, Elvis Presley, Francisco Alves, Frank Sinatra, João Donato, João Gilberto, John Lennon, Luiz Gonzaga, Marlene, Michael Jackson, Nelson Gonçalves, Noel Rosa, Raul Seixas, Roberto Carlos, Sivuca, The Beatles, The Holling Stones, Tim Maia e outros. Constam também jingles comerciais em alumínio de diversas empresas.

Na discoteca da rádio Gazeta AM os discos são disponibilizados para universitários da Faculdade Cásper Líbero e para alunos de outras instituições de ensino. A conservação é realizada em armazenamento no posicionamento vertical, para não danificar as mídias. Na base limpeza, utiliza-se água e sabonete de glicerina. A secagem ocorre naturalmente com ar sem secadores, papel ou tecidos. Todos os discos e CDs da discoteca da rádio Gazeta AM são catalogados por ordem numérica e alfabética, em sistema digital, com indicações dos títulos, gravadora, ano de gravação, nome da música, intérprete, autores e gênero musical. O coordenador do referido setor, Márcio de Paula, informa também que, além de pesquisadores, os artistas muitas vezes visitam o local, em busca do próprio disco ou para composição de repertório a ser regravado. Outras emissoras de rádio

e de televisão também realizam solicitações do mencionado acervo, para produções de programas etc. A aquisição atual dos discos de vinil e de CDs, ocorre na discoteca da Gazeta por intermédio das gravadoras e escritório de representação artística.

Há também entre as raridades e curiosidades da discoteca da rádio Gazeta AM os seguintes exemplares: The Wailers (Catch a fire), com atuação e foto do cantor, compositor, guitarrista jamaicano, Bob Marley (1945 – 1981). A capa foi confeccionada em formato de isqueiro, com lançamento no ano de 1977 (Figura 01). Outro trabalho de Bob Marley e The Wailers (Kaya) está registrado no disco da (Figura 02), que foi proibido e recolhido dos meios de comunicação no ano de 1978, pelo fato de constar na capa uma ilustração referente a um cigarro de maconha. No ano de 1973, o cantor e compositor baiano Tom Zé (1936), numa abordagem de provocação à censura da época, lança o disco “Todos os olhos”. Na capa a foto de um ânus com uma bola de gude ao centro. A capa tem assinatura do fotógrafo Chico Andrade que relata no blog que possui o seguinte:

essa capa é um dos meus orgulhos criativos [...] minha maior e mais duradoura criação. Criada em 1973 é até hoje polêmica, considerada a segunda melhor capa do século XX pela Folha de SP e, em 2011, fez parte da exposição das melhores 50 capas de discos de todos os tempos. Tem gente que jura que era uma boca, mas, foi um cu mesmo. Eu ainda tenho algumas fotos originais. Meu nome está lá para quem duvidar. Na época eu era sócio do professor Décio Pignatari [...]. A moçoila que posou fazia ponto na rua e cobrou um “cachê artístico”, inclusive, assinando recibo e tudo mais sabendo inclusive o destino da foto.⁷

A manutenção do vinil revela aspectos culturais não somente relacionados ao saudosismo, nostalgia ou preferência pela qualidade sonora emitida por este tipo de disco, mas também pelas informações contidas em capas e um sentido material mais amplo na aquisição deste produto. Neste caso, até ritualístico no ato de ouvir música, num aparelho com o disco sobre um prato giratório, por uma agulha pelo suporte de um braço do toca-discos, tendo estes fatores que despertam curiosidades, admiração e um entretenimento, além do caráter de colecionismo, de valorização e ação de rarefazer o vinil. Um dos exemplos pode ser indicado pelo álbum intitulado “Saudade do Brasil”, da cantora Elis Regina (1945 – 1982). Esta produção foi oferecida ao público em uma caixa, com dois LPs, dez faixas musicais cada, encarte, no formato brochura, ilustrado com fotos, letras de músicas, ficha técnica, com lançamento no ano de 1980 e apenas vinte mil exemplares para venda. Peça esta imperdível para colecionadores e fãs da artista, mesmo para aqueles que possuem a versão em CD

⁷ Disponível em <https://chicoandrade.wordpress.com/2011/11/15/inedito-foto-original-da-capa-do-disco-de-tomze/,2011>. Acesso em 05/06/15.

ou venham baixar as músicas pelo sistema digital. No estudo que publicou sobre o tema Quines afirma:

Na realidade, para Djs e colecionadores, o vinil nunca partiu, seguiu existindo, ainda que em menor oferta. Para aqueles mais interessados, que buscam em *sites* pela internet ou fazem trocas com conhecidos que se desfazem de coleções ou garimpam pelos sebos e feiras, a morte do vinil sempre foi uma grande falácia (QUINES, 2012, p. 98).

A discoteca da rádio Gazeta AM, segundo o coordenador desta Márcio de Paula, recebe inúmeras visitas de interessados em realizar pesquisa do mencionado acervo, assim como aqueles que visitam o local via indicação de professores. A sensação de quem percorre os corredores das estantes de discos com a possibilidade (monitorada) de manusear exemplares de vinil, observar capas e encartes assemelha-se à emoção e aquisição de conhecimento de quem visita uma exposição ou museu. Constam na discoteca da rádio Gazeta AM, entre os inúmeros discos, raridades musicais como os registros fonográficos de músicas temas de Copas do Mundo, como a do ano de 1958, que levou o Brasil ao campeonato do mundial. Neste disco, em formato de LP, com o título “Brasil na copa do mundo”, a foto para a referida capa foi cedida pelo jornal “Gazeta Esportiva”. A faixa que abre o disco, antes das narrações é a “Marcha dos Campeões, de autoria do compositor Alfredo Borba, ex-diretor artístico da rádio Gazeta, com interpretação do locutor Oswaldo Rodrigues. (Figura 04).

Entre os compactos simples em vinil a discoteca da rádio Gazeta AM, abriga o trabalho lançado no ano de 1968 pelo cantor e compositor paraibano Geraldo Vandré (1935). No lado “A” a música Pra não dizer que não falei das flores (caminhando). No lado “B”, a faixa Fica mal com Deus. Gravações realizadas ao vivo no ano de 1968, no estádio do Maracanãzinho, na cidade do Rio de Janeiro. (Figura 05). Outra raridade do mencionado acervo é o também compacto simples em vinil do cantor e compositor baiano Caetano Veloso (1942). Este disco foi lançado no ano de 1979 com a faixa “A” trazendo a música Massa Real. No lado “B”, a composição Badaué.

Figura 1: The Wailers (Catch a fire)



Figura 2: Bob Marley e The Wailers (Kaya)



Figura 3: disco “Todos os olhos”, do cantor e compositor Tom Zé.



Figura 4: disco “Brasil na Copa do mundo”, do ano de 1958.



Figura 5: compacto simples em vinil, disco do cantor e compositor Geraldo Vandré, do ano de 1968.

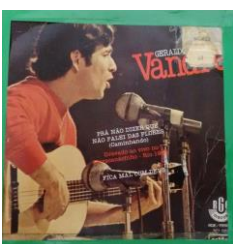


Figura 6: compacto simples em vinil do cantor e compositor Caetano Veloso, do ano de 1979.



Estante de compactos simples da discoteca da rádio Gazeta AM, de São Paulo (foto à esquerda) e corredor de estantes de discos de vinil da referida emissora (à direita). Abaixo o coordenador do mencionado departamento, o jornalista Márcio de Paula.



Fotos: Pedro Serico Vaz Filho, em junho/2015

No momento atual da música, em que surgem lançamentos nos formatos de CD e LP, artistas como a cantora Tulipa Ruiz realiza a venda dos próprios discos através do site <http://www.brocal.com.br/discos>. Nele constam as fotografias das capas de três CDs da artista (intitulados “Tulipa Ruiz Remixes”, “Tudo Tanto” e “Tulipa Efêmera”) e as versões em vinil. Estes

com uma tarja sobre as respectivas capas com a informação “esgotado”. Restando assim ao comprador somente a opção da aquisição em CD. Demonstração esta da preferência do consumidor pelo vinil. Outro artista com lançamento também nas versões vinil e CD é o cantor e compositor Simoninha. A produção do artista sob o título de “Alta Fidelidade”, deste ano de 2015 chega ao mercado e às emissoras de rádio e de televisão após o artista permanecer afastado das gravações por cinco anos. Em entrevista à jornalista Rosana Jatobá para o site Universo Jatobá, Simoninha refere-se ao significado do vinil destacando que:

No CD você tem um remix que no vinil não tem porque no vinil a gente tem uma questão de tempo. Tempo físico mesmo, você tem uma média de 20 a 22 minutos em cada lado, por isso que as músicas eram mais curtas ou mais longas e tinham menos músicas na época do vinil. Está voltando com muita força, a própria garotada hoje tem pensado em fazer vinil [...] olha que loucura. Hoje em dia o vinil é uma coisa que agrega valor, né? Eu quando recebi os vinis pela primeira vez quando chegou em minha mão, eu fiquei tão emocionado. Eu falei: Nossa, parece que é uma coisa importante porque ele é grande, você tem que abrir, botar lá na sua picape ou na rua vitrola pra escutar. Então realmente esse ritual é muito bacana e faz uma ligação sua com a música que é fundamental e que está se perdendo nos dias de hoje⁸.

O que se nota, portanto é uma reconstrução em torno do mercado do vinil, com artistas orgulhosamente exibindo produções em versões de LP, assim como o oferecimento ao comércio de toca-discos, em *design* retrô e públicos em busca de novos e antigos exemplares de *long plays*. Emissoras de rádio e de televisão também buscam readaptações ao receberem versões somente em vinil. Percebe-se dessa forma não um modismo, mas um investimento que proporciona cultura, informação em amplo espaço nas capas dos discos de vinil.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Chico. Blog do Chico Andrade.

Disponível em <https://chicoandrade.wordpress.com/2011/11/15/inedito-foto-original-da-capas-do-disco-de-tomze/>, 2011. Consultado em 05/06/15.

BARBOSA, Silvio Henrique Vieira e VAZ, Pedro Serico Filho. **Gazeta AM: a experiência da rádio universitária na formação de profissionais da comunicação social**. Artigo apresentado ao XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Foz do Iguaçu. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1093-1.2014>.

⁸ Disponível em: <http://www.universojatoba.com.br/sustentabilidade/responsabilidade-social/conversa:com-a-jatoba-recebe-simoninha>. Acesso em 11/06/2015.

EVANS, Luciane. **Comércio especializado de vinil dá volta por cima com vendas até 30% maiores.** Disponível em:

<http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2015/02/17/internaseconomia,618928/vinil.2015>.

Acesso em 10/06/2015.

FRANCESCHI, Humberto Moraes. **Registros sonoros por meios mecânicos no Brasil.** Rio de Janeiro: Studio HMF, 1984.

KAFURE, Ivette e Sarabuci, Marcelo. **Diretrizes para digitalizar e conservar os suportes de som. Perspectivas em ciências da informação**, v. 14, n. 3, p. 140 – 152, set.dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v14n3/09.pdf>. Consultado em 05/06/2015.

PICCINO, Evaldo. **Um breve histórico dos suportes sonoros analógicos.** Revista Sonora. v. 01, no. 02, p. 01 - 25, 2008.

PISINATO, Nicolas e RIBEIRO, Milton. **No dia do falso aniversário do LP, a longa polêmica com o CD.** Publicado em 31/08/2013. Disponível em: <http://miltonribeiro.sul21.com.br/tag/toca-discos/>. Acesso em 10/07/15.

QUINES, Sarah Oliveira. **Admirável vinil novo: o retorno dos discos na era do mp3.** Revista Contemporânea. v. 10. no. 02. Edição 20. 2012.

Revista Olhar Digital. **Saiba como surgiu o cd que completa 30 anos.** Disponível em:

<http://olhardigital.uol.com.br/noticia/saiba-como-surgiu-o-cd,-que-completa-30-anos-hoje/29430> 2012.

Acesso em 15/06/2015.